

## **Ver o texto com os olhos do gênero: uma proposta de Análise / *To see the world with the eyes of genre: towards a bakhtinian genre analysis***

*Adail Sobral\**

### RESUMO

Este trabalho apresenta princípios de definição e análise do gênero discursivo – em sua correlação vital com as esferas de atividade – em termos do agir autoral. Esse agir envolve a organização de uma arquitetura e engloba, subsumindo-as, a unidade temática, as formas de composição e o estilo. O núcleo do gênero é composto pelos dispositivos enunciativos de criação de relações entre interlocutores, e destes com o objeto do discurso, constituindo-os, ao mesmo tempo em que são por eles constituídos numa dada esfera de produção, circulação e recepção de discursos.

PALAVRAS-CHAVE: gênero de discurso – metodologia; gênero de discurso – análise; Bakhtin; dialogismo; relações enunciativas

### ABSTRACT

*This work presents principles of definition and analysis of discourse genre – in its vital correlation with spheres of activity – In terms of authorial agency. This agency implies the organization of an architectonics, and encompasses, subsuming, thematic unit, compositional form and style. The nucleus of genres is thus composed by the enunciative devices of creation of relationships between interlocutors, and between them and the discourse object, constituting them, at the same time as they are constituted by them inside a given sphere of production, circulation and reception of discourses.*

KEY-WORDS: *Discourse genre – methodology; Discourse genre – analysis; Bakhtin; Dialogism; Enunciative relationships*

---

\* Professor da Universidade Católica de Pelotas- UCPEL; [adails@terra.com.br](mailto:adails@terra.com.br)

## INTRODUÇÃO

É tal sua abrangência que o conceito de gênero do discurso/discursivo, do Círculo de Bakhtin, engloba os chamados gêneros textuais (sem em nada invalidar esta perspectiva de análise). Nesse sentido, se o texto só adquire sentido no âmbito de um gênero e se os gêneros são práticas sociais relativamente estáveis de instauração de eventos de sentido via linguagem, realizando-se mediante discursos, todo gênero é discursivo por definição. Portanto, o conceito de gênero textual recobriria basicamente apenas o aspecto de significação (ligado ao sistema da língua), e de composição da estrutura textual, mas não o do sentido (ligado ao sistema de uso da língua) e da estruturação arquitetônica dos textos *qua* discursos, apesar do recurso cada vez mais frequente à chamada intenção comunicativa. O sentido, nesses termos, só advém com a mobilização do texto por um discurso a partir de um gênero, e essa mobilização deixa marcas no texto, mas remete sempre a uma dimensão intratextualizada, mas não menos extratextual, na qual se devem buscar os elementos discursivos/genéricos que, combinados com o/no texto, constituem o cenário do evento instaurado por todo ato de enunciação.

Assim, não é possível analisar um discurso de uma perspectiva bakhtiniana sem resvalar de imediato no/ao/para<sup>1</sup> o núcleo da teoria como um todo. Esse núcleo é uma concepção de filosofia da linguagem, e, mais do que isso, da constituição dos sujeitos, uma ontologia, de caráter dialógico, muito além do jardim de delícias do diálogo da doxa, uma concepção para-doxal. O individual e o formal nunca existem por si sós, mas deslizam/resvalam inexoravelmente para a relação dialógica, para o que de fato ocorre em termos práticos na vida cotidiana em todos os seus aspectos, com ênfase no vir-a-ser permanente da identidade dos sujeitos e no fato de que texto, discurso e gênero supõem uma atividade que é a um só tempo uma construção autoral, quase biográfica, e um reconhecimento da cons-

---

1 – A hesitação na regência verbal, como a provar o que se disse pouco antes, revela não uma oscilação gramatical gratuita, mas uma dúvida sobre o, e ao mesmo tempo uma exploração do, sentido de “resvalar”: escorregar? tropeçar? deparar com? remeter a? deslizar?

tituição alteritária do autor, dado que sujeitos e sentido só surgem inter-relacionalmente.<sup>2</sup>

Bakhtin une de uma maneira filosoficamente complexa aspectos da obra de Kant, da fenomenologia de Husserl e do materialismo histórico e dialético de Marx e Engels (entre outros “diálogos” que trava) numa concepção de linguagem e de discurso sobremodo transdisciplinar, também ela uma totalidade arquitetônica que, se não propõe – tanto por razões históricas como por não ser esse seu objeto – uma metodologia aplicável *per se*, traz princípios metodológicos passíveis de, evitando o teoreticismo que mata a singularidade e o empirismo que mata a generalidade, promover uma proveitosa junção entre singularidade e generalidade, ou seja, o respeito à especificidade de cada discurso/gênero/texto e a generalidade que faz dele membro de uma dada categoria de discurso/gênero/texto e, no limite, da categoria discurso/gênero/texto.

Os textos não estão diretamente ligados a esferas de atividade, ao contrário dos gêneros, e dos discursos que realizam os gêneros, e por isso podemos considerar os textos o plano material de realização dos discursos e gêneros, ou melhor, dos gêneros via discurso. Por outro lado, pode-se defender a ideia, usando para isso as mais diversas terminologias, de que existem quatro tipos de texto (mas não de textualização ou de discursivização) do ponto de vista das dominantes formais – e insisto em dominantes –, a saber, texto descritivo, texto narrativo, texto dissertativo e texto, digamos, institutivo (o dos manuais, receitas, instruções, ordens etc., que instituem/estabelecem saberes e formas de agir), gerando formas que se combinam de diversas maneiras, o que atenua seu aparente caráter de formas “puras”.

A identificação dessas formas e de suas combinações, e mesmo sua análise, de modo algum esgotam a inscrição dos textos em discursos e gêneros. Pois o que confere sentido ao texto é sua convocação em discurso/pelo discurso no âmbito de algum gênero, o que implica uma dada esfera de atividades e uma dada maneira social-histórica-ideológica de recortar o mundo, ou melhor, a parcela concebível do mundo no âmbito de cada esfera. O que mobiliza esses tipos

---

2 – Ressalte-se que falar de prático não implica supor um sujeito empírico, mas sempre um sujeito concreto objetivado em discurso, como tenho afirmado em vários escritos.

de texto são as estratégias discursivas, os funcionamentos discursivos, o projeto enunciativo (que vai além das “intenções comunicativas”), que lhes impõem inflexões e formas de realização/estruturação a partir de uma dada arquitetônica, de um dado “projeto de dizer”, que constitui o arcabouço no qual os famigerados tema, estilo e forma de composição unem o histórico do gênero à expressão individual de cada locutor (em sua relação com interlocutores), realizando atos simbólicos (no sentido filosófico amplo de simbólico) que são a um só tempo estáveis e instáveis, objetivos e subjetivos, cognitivos e práticos, textuais e discursivos/genéricos, biológicos e histórico-sociais. Em outros termos, tema, estilo e forma de composição só fazem sentido no âmbito de uma arquitetônica, sempre autoral, vinculada a um projeto enunciativo, sendo o texto o plano do material, que tem por conteúdo o mundo humano e por forma o gênero, como explícito a seguir.

Não se vê/interpreta/configura o mundo para então escolher um gênero, um discurso, um texto com que figurá-lo em linguagem – vê-se o mundo, como afirma Medvedev, com os olhos do gênero, e, portanto, dos discursos a ele ligados, não do texto. Isso não nega que este seja a realidade imediata que o analista encontra em seu trabalho e de que deve partir, mesmo que ao locutor pareça que a realidade imediata são as coerções do texto, antes mesmo de enunciar. Se não há gênero ou discurso que se realize sem texto, não há texto que exista sem discurso e sem gênero, exceto como meros sinais em alguma superfície – um “não texto”, pois, ao menos em termos linguísticos.

Não se pode pensar que frases e textos tenham sentido fora da discursivização e da generificação, frases e textos só têm sentido no âmbito de enunciados e de discursos, pois do contrário o sentido seria algo descontextualizado, dado essencialisticamente antes do texto. Palavras, frases e textos, em sua significação, trazem em si potenciais de sentido que o discurso e o gênero realizam na e pela enunciação, sendo mobilizados para exprimir distintos temas, em termos de diferentes estilos, com diferentes formas de composição. E essa mobilização depende da posição relativa dos interlocutores, das relações enunciativas que o gênero estabelece por meio do discurso e do projeto enunciativo do locutor (em sua constituição por seus interlocutores). O projeto enunciativo é um dispositivo maleável, adaptável, jamais dado de uma vez por todas, mas realizável nos termos de cada conjuntura de produção de enunciados nas quais o locutor realiza

seu papel de mediador entre os sentidos socialmente possíveis e os sentidos que efetivamente realiza, sempre relacionalmente e, portanto, em termos valorativos (porque o sentido nasce da diferença, afirmação na qual uno Bakhtin a Saussure). Tudo para dizer, adaptando o que diz Greimas (1987, p. 302 e 311), que fora do sujeito, assim como fora do texto, “não há salvação”.

#### 1. A TAREFA GERAL DA ANÁLISE EM TERMOS DE GÊNEROS DISCURSIVOS

Uma análise em termos de gêneros tem como tarefa imperativa considerar os seguintes princípios “macrogenéricos”:

1. Determinar em que esfera(s) de atividade se situa o gênero que mobiliza o texto a ser analisado, a fim de descrever sua forma específica de realização de atos discursivos num dado momento histórico;

2. Desvendar o que confere, no âmbito da esfera, certas características ao gênero, reconhecendo com isso que esfera e gênero se constituem mutuamente;

3. Examinar, à luz desses elementos, as discursividades que se manifestam e as textualidades mais ou menos típicas do gênero em análise, levando em conta as discursividades e textualidades que se fazem presentes em diferentes gêneros;

4. Partir ao mesmo tempo do particular (o texto dado) para o geral (o postulado a ser descoberto no plano do discurso do ponto de vista do gênero), ou seja, das marcas que a enunciação deixa nos enunciados, e do geral (o contexto em sentido amplo) para o particular (a inserção do texto num dado contexto), a fim de dar conta do fato de que o extradiscursivo só existe no discurso intradiscursivizado, mas nem por isso é menos extradiscursivo (e vice-versa).

Esses passos constituem a contextualização por assim dizer prévia, que leva em conta o intertexto, o interdiscurso e o intergênero (a intergenericidade, o fato da constituição dos gêneros a partir de outros gêneros, ou mesmo de fragmentos de gêneros, e não por geração espontânea), bem como informações empíricas, mas as leva em conta de acordo com os “movimentos” do texto específico examinado: o texto “diz” dos diálogos que o constituem! Como texto pode apresentar características específicas que o analista pode tomar como as características específicas do gênero do texto é um exemplar, deve-se sempre considerar mais de um texto de um dado gênero quando da

análise de um deles, porque a análise de um só texto no âmbito do gênero é uma exemplificação válida da análise “genérica”, mas pode criar dificuldades para desvelar elementos válidos em termos de gênero, dado que nenhum texto é em princípio típico de um dado gênero, apesar das cristalizações de formas em alguns gêneros.

## 2. DESCRIÇÃO DO PROCESSO DE ANÁLISE

Em Sobral (2006), apresentei procedimentos e etapas de uma metodologia de análise de gêneros do ponto de vista propriamente enunciativo, com base nas obras do Círculo de Bakhtin, em propostas de Brait e escritos anteriores meus. Fiz essa proposta por julgar que não havia uma metodologia de análise do gênero que enfatizasse o aspecto arquitetônico de construção do discurso. Propus assim princípios metodológicos de estudo do gênero que não o reduza ao texto nem ao discurso *per se*, nem o considere algo simplesmente pressuposto, mas os englobe do ponto de vista do gênero.

As etapas ou níveis de análise ou a “microanálise” (SOBRAL, 2008, p. 4) seguem a sequência, não mecânica, de descrição–análise–interpretação (propostas por Brait e ressignificadas em meu “projeto enunciativo”). A descrição apresenta o *corpus* a partir de sua inserção geral na esfera de atividades. A análise examina a estruturação do discurso. A interpretação reúne as duas etapas anteriores, retomando as estratégias de instauração de sentidos e os eventos de sentido instaurados nos termos da esfera de atividades e da análise do texto.

Trata-se de parâmetros para o melhor aproveitamento dos instrumentos de análise, nos termos do objeto a ser analisado, o que afasta a tentação de reduzir todo texto a uma manipulação de sequências de algum prototexto teoricamente proposto e concretamente inexistente. Assim, parte-se do objeto e busca-se seguir uma sequência lógica de análise que começa pela materialidade do texto, vai até a discursividade e a genericidade e então retorna a essa materialidade, reunindo na etapa de interpretação elementos textuais, elementos da ordem do discurso e elementos do gênero em sua inserção social e histórica como forma de apropriação (necessariamente valorativa, interessada, não indiferente) do mundo.

No exame das capas e contracapas de quatro livros de autoajuda, cada uma delas foi retomada no exame das outras e cada qual

foi examinada a partir das outras. Comecei pelo livro cuja capa e contracapa apresentavam a meu ver estratégias mais diversificadas de validação do projeto enunciativo do autor e do tema (YOUNG-SOWERS, 1995), passei a dois outros mais parecidos entre si, o primeiro britânico (COOPER, 1997) e, o segundo, norte-americano (BRO e BRO, 1992), e terminei com outro, que se distingue dos demais por trazer na contracapa descrições “indiretas” do livro e a qualificação deste e da autora na forma de comentários de outros autores, à feição dos livros acadêmicos modernos (BORYSENKO, 1996).

Abordei a função da capa e da contracapa como o “cartão de visitas” ou “espelho temático” dos livros. As próprias estratégias de organização, inclusive física, da capa e da contracapa como um todo e dos textos verbais e não verbais (uso essa terminologia em contraponto à tão célebre quanto indefinida “multimodalidade”) que as compõem tem um caráter avaliativo, valorativo, axiológico, no sentido de Bakhtin, buscando despertar o interesse do possível comprador por meio de uma tentativa de refutar suas possíveis objeções à abordagem específica do livro (o que mostra que essas objeções estão integradas ao livro), a fim de levá-lo a comprar (o livro e sua proposta), mas também buscando reforçar a possível “adesão inicial” do leitor “já interessado”.

Examinando o “miolo” dos livros estudados, notam-se possíveis resistências do interlocutor que são “combatidas”, entre outros recursos, por meio de uma organização dos capítulos e das seções dos capítulos, e de uma dada organização das partes introdutórias, marcadas em alguns casos por propor ações concretas em vez de apresentar uma descrição das propostas. Um exame desse tipo implica e mantém uma visão integradora do texto, requerida pelo conceito de gênero, uma visão que não perde de vista os detalhes relevantes nem as dominantes interlocutivas que são sua base, que considera o conteúdo, o material e a forma como integrados na constituição do evento de sentido que é um texto, visão que para alguns corre o risco de parecer uma “análise literária”, como se o literário fosse menos discursivo ou se opusesse ao linguístico.

O exame das capas representou uma amostra da análise a que submeti os livros como um todo. Porque, e insisto nesse ponto, não se pode examinar a capa e contracapa de um livro, por exemplo, em termos de gênero discursivo, sem levar em conta de que livro estas são capa e contracapa, assim como não cabe examinar um livro sem

considerar sua capa e contracapa. Um livro (não em termos materiais estritos) é uma totalidade, não um todo mecânico cujas partes possam ser examinadas isoladamente. Logo, a capa e a contracapa foram, e são, consideradas elementos de uma totalidade de sentido em que o visual e o verbal se constituem mutuamente, como componentes de um mesmo todo, sendo assim a “face” exterior do livro, que só faz sentido em seu âmbito, e que também o constituem.

Em consequência, tomo as capas e contracapas como membros de um componente inalienável do livro, um componente dotado de uma dada forma de composição mais ou menos cristalizada (o que não se confunde com gênero), ainda que sujeita a certas variações, não como todos em si, exceto no sentido de que formam de fato um todo, mas sempre como subunidade do livro de que são capa e contracapa. Logo, a capa e a contracapa são “finalizadas”, no sentido de que são uma capa e uma contracapa que mantêm suas características textuais-visuais, mas não “acabadas”, no sentido de autônomas com relação ao livro de que fazem parte: capa e contracapa são sempre “de” alguma coisa, não sendo, portanto, gêneros, mas partes de algum gênero.

A hipótese que busquei provar é a de que no âmbito de uma dada forma de composição, no caso, de capas e contracapas, sujeitas a variações que em geral não lhe alteram a essência (ou teríamos outra forma de composição), é proposto ao interlocutor um contrato específico de interpretação, de avaliação, que o convida a tornar-se membro de uma dada comunidade discursiva ao aceitar como sua a avaliação que o locutor faz de um dado objeto, ou seja, o projeto enunciativo busca sempre fazer a resposta ativa do interlocutor corresponder à entoação ativa do locutor.

Os princípios “microgenéricos” da análise foram:

1. Analisar qualitativamente elementos que permitam caracterizar os textos como membros de um gênero, e revelar suas especificidades como gênero em termos da esfera de produção, circulação e recepção;
2. Analisar as estratégias de inter-auto-formação dos textos a partir do gênero;
3. Analisar os modos específicos de esse gênero criar interação(ões) locutor-interlocutor, ou seja, as formas de autoatribuição de competência enunciativa pelo autor objetivado;
4. Analisar os modos específicos de o locutor buscar levar o interlocutor a aceitar as “teses” defendidas em seu projeto enunciativo o âmbito do gênero.

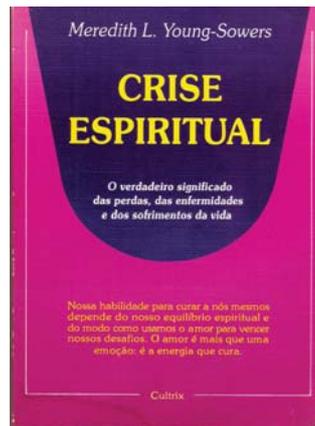
### 3. UMA BREVE ILUSTRAÇÃO GERAL

Reproduzo as *conclusões* a que cheguei ao examinar a capa e contracapa do primeiro livro, para mostrar de que maneira retomo a análise da capa e da contracapa do segundo.

Vemos então uma cuidadosíssima “construção” do aspecto exterior do livro tanto em termos visuais quanto textuais, em termos de uma dada imagem do autor, da editora enquanto fiador do autor e do leitor, bem como do tipo de percurso que o livro propõe. (...)

A própria organização dos elementos da capa e da contracapa tem um caráter persuasivo, revelando um trabalho de entoação avaliativa voltado para a indução de uma dada responsividade do interlocutor, bem como de uma sutil refutação antecipada de dúvidas e/ou objeções à abordagem proposta.

Não se trata de buscar apenas a adesão a determinadas teses (que nos deixaria apenas no aspecto da “construção” retórica), mas de levar o interlocutor a agir em termos de um dado percurso com vistas a alcançar um dado fim, caracterizado sempre em termos positivos (o que nos conduz ao aspecto pragmático ativo do discurso) (SOBRAL, 2008, p. 10-11).



## *A Força da Paz Interior*

*Diana Cooper*

Em *A Força da Paz Interior*, a grande escritora esotérica Diana Cooper oferece inspiração a todos quantos estejam em busca de um maior sentido e de felicidade na vida. Apresentando sugestões práticas e usando relatos de casos reais, a autora nos ajuda a iniciar a jornada rumo ao ambiente de paz que há no íntimo de cada um de nós. Quando entramos em contato com esse centro interior de quietude, podemos enfrentar nossos medos, recuperar nossa confiança e encontrar as forças que precisamos para curar a nós mesmos.

Em épocas tão conturbadas e desgastantes como a que vivemos, *A Força da Paz Interior* possibilita a descoberta do nosso oásis interior de paz e de tranquilidade.

Além de autora esotérica, terapeuta, conferencista e agente de cura muito conceituada, Diana Cooper dirige concorridos seminários na Inglaterra e em outros países e escreveu vários livros. Seu trabalho tem ajudado milhares de pessoas por todo o mundo.

EDITORA PENSAMENTO



Reservados todos os direitos.

### 3.1 DESCRIÇÃO DA CAPA DE *CRISE ESPIRITUAL*: O VERDADEIRO SIGNIFICADO DAS PERDAS, DAS ENFERMIDADES E DOS SOFRIMENTOS DA VIDA

Traduzido do inglês (*Spiritual Crisis – What’s Really Behind Loss, Disease and Life’s Major Hurts*), é de fácil manuseio: pouco maior que um livro de bolso. A capa da edição brasileira mostra um fundo de cor púrpura a que se sobrepõe uma forma redonda alongada, azul-roxa, contendo o nome da autora em caixa alta e baixa em itálico, na cor branca; o título em letras amarelas maiúsculas – CRISE ESPIRITUAL – e o subtítulo em caixa alta e baixa, letras centralizadas quase na base da forma alongada azul-roxa, em três linhas, letras brancas menores. O nome da editora em letras amarelas, minúsculas, com exceção da inicial “C”. Na parte púrpura há, ao redor do local em que se acham os trechos de texto centralizados, uma moldura fina de cor branca, com o lado superior aberto; na parte inferior, há um corte no centro, com o nome da editora. Essa moldura ocupa as partes inferior, esquerda e direita, no interior do fundo púrpura. O fundo da capa traz cores do mesmo campo cromático.

Alguns centímetros abaixo da parte azul-roxa, centralizado, em letras amarelas minúsculas, aparece um texto de cinco linhas, qua-

tro de comprimento simétrico e a quinta centralizada em relação a estas últimas. Pouco abaixo vem o nome da editora; as letras, amarelas como o texto acima mostrado, são igualmente minúsculas, com exceção da inicial “C”, de “Cultrix”.

Em termos da capa, os vários componentes ocupam o centro da página e o foco da visão, o que é parte da cenografia cristalizada de capas de livros. Essa cenografia apresenta como elementos *fixos* o nome do autor, de modo geral na parte superior da capa; o título do livro, e o nome da editora na parte inferior. A centralização dos segmentos textuais é a disposição costumeira. O subtítulo e eventuais trechos descritivos do livro ou transcritos deste são, na prática brasileira, opcionais, mesmo quando o livro traz um subtítulo. O trecho que aparece na parte inferior da capa constitui um segmento-síntese do livro, formando, ao lado do título e do subtítulo, a unidade maior *capa*.

### 3.2. DESCRIÇÃO DA CAPA E DA CONTRACAPA DE *A FORÇA DA PAZ INTERIOR*

A capa, com 13 cm de largura por 19 de altura, tem fundo com gradações entre branco, bege claro, bege etc., chegando ao marrom ou bege escuro. O nome da autora, em letras maiúsculas de quase 1 cm de altura numa espécie de negrito, está centralizado e, abaixo, o título, em três linhas, com aproximadamente o mesmo comprimento, estão centralizadas e variam em termos de altura. A FORÇA é pouco maior que INTERIOR, e DA PAZ é maior que A FORÇA, criando uma espécie de “emanação” de onde parecem ser emitidos raios. Na parte inferior, está o nome da editora, numa espécie de negrito, menos intenso, em fonte menor.

A gradação cromática dirige o olhar do leitor para um diminuto ponto mais claro, em sua parte inferior, pouco antes do nome da editora, sugerindo movimento, passagem da luz, emissão de raios, estando esse ponto circundado por uma cor mais escura. Ele se projeta para o alto, perdendo aos poucos sua luminosidade – que tende para um bege claro com nuances sobrepostas que mais uma vez sugerem movimento – ao mesmo tempo em que se amplia, ocupando praticamente toda a parte superior. Quanto mais longe desse centro, tanto menos claras as cores. O clarão se projeta igualmente para baixo, mas, dada a menor distância percorrida, essa projeção exibe menos nuances. A disposição do título, praticamente no centro da página também em termos verticais, cria a impressão de que “A FORÇA DA PAZ INTERIOR” é projetada a partir desse ponto diminuto, o que refor-

ça o aspecto dinâmico impresso à capa e na capa. Há uma interessante tensão entre o “aflorar” do título, que atrai os olhos, e o ponto que projeta luz, que também o faz. A disposição geral da capa sugere tanto movimento a partir desse ponto como interioridade, parecendo induzir a pensar que esta, embora distante, é acessível, dado que se projeta e se “concretiza” nas palavras do título. Logo, sugere-se que este é sua concretização.

### 3.3. PRIMEIRA COMPARAÇÃO DE *A FORÇA DA PAZ INTERIOR* COM *CRISE ESPIRITUAL*

Se a capa de *Crise espiritual* privilegia o textual, *A força da paz interior* privilegia, com sua composição *clean*, o aspecto visual. Minha hipótese é de que diagnóstico (o pressuposto da falta e da busca de paz) e prescrição (busca da paz no interior do indivíduo) são tidos como enfeixados na expressão-título. Ou seja, “força da paz interior” é expressão mais inserida nos presumidos da esfera dessa vertente do que “amor como força de cura” (de *Crise espiritual*).

### 3.4. DESCRIÇÃO DA CONTRACAPA

A contracapa, de fundo uniformemente branco ou bege bem claro, apresenta do lado direito um friso bege escuro/marrom. O título, que encima a capa, está centralizado, em itálico, na cor vermelha, com letras de 0,3 cm. Vem a seguir, em itálico e em letras escuras, pequenas, o nome da autora. Vem a seguir um texto de apresentação/descrição composto por 3 segmentos, quase centralizados. Vem depois, alinhando com a parte inferior, do lado esquerdo, o nome completo da editora, EDITORA PENSAMENTO, em maiúsculas, na cor vermelha. As letras têm mais ou menos o mesmo tamanho das do nome da autora.

### 3.5. RESUMO DA ANÁLISE

O texto de apresentação/descrição recupera três segmentos. O primeiro destaca a proposta do livro, e já apresenta qualificações da autora; traz ainda aspectos específicos do “diagnóstico” que o livro faz da vida das pessoas, centrado, como no livro anterior, no universo semântico de “crise”. O segundo traz o “diagnóstico” em termos mais gerais e explica a aplicação da prescrição que o livro propõe. O terceiro menciona qualificações adicionais da autora. Vemos aqui que

a apresentação/descrição do livro e o currículo da autora se acham entremesclados, o que parece sugerir não ser necessário destacar o currículo, chamar a atenção para ele. Seria pelo fato de a primeira qualificação da autora ser “a grande escritora esotérica” de uma das pátrias ocidentais do esoterismo?

Examinemos esses trechos do ponto de vista de suas relações enunciativas a fim de descobrir as “macromarcas” de gênero (permitido pela consideração da capa e da contracapa de dois livros):

1. Em *A força da paz interior*, a grande escritora esotérica Diana Cooper oferece inspiração a todos quantos estejam em busca de um maior sentido e de felicidade na vida. Apresentando sugestões práticas e usando relatos de casos reais, a autora nos ajuda a iniciar a jornada rumo ao ambiente de paz que há no íntimo de cada um de nós. Quando entramos em contato com esse centro interior de quietude, podemos enfrentar nossos medos, recuperar nossa confiança e encontrar as forças que precisamos para curar a nós mesmos;

2. Em épocas conturbadas e desgastantes como a que vivemos, *A força da paz interior* possibilita a descoberta do nosso oásis interior de paz e de tranquilidade;

3. Além de autora esotérica, terapeuta, conferencista e agente de cura muito conceituada, Diana Cooper dirige concorridos seminários na Inglaterra e em outros países e escreveu vários livros. Seu trabalho tem ajudado milhares de pessoas em todo o mundo.

O trecho (1) qualifica a autora em termos laudatórios. A “prescrição” que ela apresenta é descrita com sobriedade (inglesa?). O interlocutor é definido também sobriamente num trecho que é ao mesmo tempo um “diagnóstico” em duas etapas: o “sentido na vida/da vida” precisa ser aprimorado, ao passo que a “felicidade” inexistente (a tão presente crise). Há uma descrição que destaca o aspecto prático do livro e sua validação por meio de “relatos de casos reais”. Essa prescrição é desdobrada e reforçada pelo período seguinte, que retoma diagnóstico e prescrição, repetindo a relação com o modelo “médico”: há uma doença e uma cura proposta. Não há aqui indicação de que tipo de cura, mas o título é tão claro que não dá margem a qualquer tipo de dúvida.

O trecho (2) generaliza a “crise”, sugerindo que a cura é bem mais ampla do que poderia parecer. A cura está, obviamente, em encontrar um “oásis” no deserto dessa árida vida. Trata-se de um “oásis” individual, dado que não há indicações de que se trate de um empreendimento coletivo: todos têm seu próprio oásis interior de “paz e de tranquilidade”.

O trecho (3) apresenta qualificações adicionais da autora, informa-se que ela atua na Inglaterra e em outros países (em contraste com o “nacionalmente” indefinido do livro anterior, que qualifica uma autora dos EUA) e que seu trabalho ajuda “milhares” de pessoas “em todo o mundo”. Ao que parece, um livro inglês (ao contrário de um americano) de autoajuda requer qualificações que lhe ampliem o campo de atuação.

### 3.6. NOVA COMPARAÇÃO COM *CRISE ESPIRITUAL*

Se em *Crise ...* não há referência direta a correntes espirituais, aqui a filiação é explicitada, o que é bem interessante, dado que a Inglaterra tem tido tradicionalmente vários autores e divulgadores do esoterismo, como Dione Fortune, para ficar num exemplo célebre. Ao mesmo tempo, se em *Crise ...* não se fala do caráter prático da proposta, aqui este merece destaque, quem sabe para mostrar que o esoterismo “moderno” tem cunho mais prático do que o tradicional? Seria essa ênfase um artifício para recusar a objeção contra a possibilidade de o esoterismo mais antigo adaptar-se ao mundo moderno da autoajuda prática? Haveria talvez a sugestão de que alguns leitores modernos, não conhecedores do esoterismo, poderiam tomá-lo como algo não prático, um anátema nesses tempos conturbados e desgastantes? Ao mesmo tempo, “esoterismo” não parece requerer maiores explicações, exceto o fato de ser usado por uma “grande” autora, o que sugere o possível pressuposto de que o livro não altera presumidos, ao contrário da ressignificação de “amor” do outro livro. Nesse livro, a antecipação de possíveis objeções parece concentrar-se apenas no destaque do “prático”.

### 3.7. RESUMO DA INTERPRETAÇÃO COM BASE NA COMPARAÇÃO

Entre os dois livros há um contraste entre diferentes procedências geográficas: o primeiro defende a novidade “teórica” do que pro-

põe ressignificando presumidos e propondo sutilmente sua filiação a uma dada tradição, o que na verdade atenua a novidade; o segundo declara diretamente a filiação e defende-se da possível objeção de não ser prático justo porque membro dessa tradição. O que interessa aqui é que as duas propostas são “alternativas”, propondo um plano “interior” ultrassocial e ultra-histórico como planos mais “concretos” do que o da sociedade e da história, dado que acessíveis a partir do íntimo de cada um, e que para isso recorrem à denegação para defender-se de objeções. Logo, refutar objeções é uma “macromarca” de gênero desses dois exemplares, sendo outra é a doação de competência e a proposição de um agir ao interlocutor.

Por outro lado, se *Crise ...* acentua a polêmica velada a que recorre em sua denegação, enquanto *A força...* a atenua, o *ethos* do locutor é nos dois casos o de quem detém um saber prático e deseja transmiti-lo, e o do interlocutor é o de alguém com problemas que atingem todo o espectro da vida e desejoso de resolver esses problemas por meio de recursos que não os oferecidos pelos profissionais da ajuda e em ambos os casos alguém que pode vir a obter esses recursos sem depender de outrem. A autora de *A força* é apresentada como “terapeuta”, mas o enfoque não é o mesmo dos livros de aconselhamento, marcados por uma relação interlocutiva de transmissão de saber, mas não de transmissão da capacidade de reprodução das soluções propostas, dado que centrados na competência terapêutica; em *A força...*, ao contrário do que ocorre em livros de aconselhamento, a menção a essas outras possíveis soluções é bem mais indireta, e com maior distanciamento, como vemos no próprio diagnóstico, semelhante ao livro que acaba de ser examinado, que também não é de aconselhamento. Um dado relevante nesse sentido é que, segundo Simonds (1992) e Starker (1989), alguns terapeutas dos Estados Unidos sugerem aos pacientes, como recurso auxiliar, a leitura de livros de autoajuda. Outra diferença entre os livros é que a solução de *Crise...* envolve, numa etapa posterior, que o ajudado de hoje seja o “ajudador” de amanhã, ao passo que a perspectiva mais terapêutica de *A força...*, por exemplo, não enfatiza isso, ainda que proponha o desenvolvimento de recursos extrassensoriais como os seus, presumindo que estão ao alcance de todos. Além disso, o destaque dado a “relatos de casos reais” revela que *A força ...*, sendo de autoria de uma “terapeuta”, incorpora um recurso dos livros de aconselhamento (MEURER, 1998).

De todo modo, com essas estratégias distintas, as capas e contracapas dos dois livros examinados estabelecem os termos do “contrato” em polêmicas denegativas centradas em diagnóstico, prescrição etc., e calcadas em qualificações das autoras e descrições dos livros que constituem ao mesmo tempo estratégias de autodefesa e “mapas de leitura”. A presença de descrições voltadas para a refutação de objeções, o que lhes confere um caráter argumentativo, reforça a ideia de estar esse gênero em formação, dado que anteriormente afetado por outros discursos com os quais entra em relações de assimilação, declarada ou sugerida, e de rejeição denegativa.

Um aspecto sobremodo relevante do ponto de vista das relações interlocutivas vinculadas com o gênero é a caracterização das autoras como, no primeiro caso, “agente de cura” e, no segundo, “terapeuta”, designações vinculadas com a diferença de enfoque: no primeiro caso, além de adquirir a competência da autocura, o leitor adquirirá a de agente de cura, e no segundo, ele adquirirá a competência da autocura mas não a de terapeuta. Mas em ambos os casos esse “detalhe” contribui para a caracterização das autoras como “institucionalmente” competentes, detentoras de alguma qualificação “institucional”, o que permite desvelar a assimetria da esfera: um sujeito competente que transmite algo a outro ainda não competente. Mas essa assimetria tem grau menor do que a da esfera institucional da cura promovida por um terceiro, dado que, nesta última, não há autocura.

Esse tipo de construção da relação interlocutiva, que considero “macromarca” de gênero, com os detalhes aqui identificados, mostra que as características da interação autor-leitor não é algo que uma análise de gênero possa simplesmente pressupor, dado ser ela fruto de uma cuidadosa e sutil construção autoral, passível de modificar-se conjunturalmente no âmbito do gênero e de suas transmutações ao longo do tempo, o que comprova o caráter “relativamente estável”, ou “para-doxalmente” estável-dinâmico, do gênero (sendo alguns mais e outros menos estáveis ou dinâmicos, por razões da ordem da esfera de atividades e das práticas de produção, circulação e recepção mais típicas desta).

EM CONCLUSÃO (SEMPRE INACABADA)

O aspecto textual, necessário, mas não suficiente, para uma análise, tem atribuído do ponto de vista de uma análise de gênero

seu devido lugar: o de elemento vital da forma composicional, parcela imprescindível da forma arquitetônica, que é o *locus* da articulação autoral do gênero – e autoral aqui não designa tão somente o autor individual, mas a atividade autoral em geral no âmbito do gênero, a plasmação arquitetônica que constitui a macromarca da autoria. Porque todo texto é parte de um enunciado, e todo enunciado tem um autor, que “socializa seus sentimentos”, como diz Voloshinov, mas deixa sempre sua “assinatura” pessoal inalienável, sua falta de álibi, sem deixar de ser dividido interior e exteriormente, afetado pelo outro, movido pelo inconsciente.

Nesse sentido, assim como uma dada forma textual não pertence *necessariamente* a um dado gênero, assim também um dado gênero não se restringe a uma dada forma textual e, por isso, ao escolher um gênero escolhem-se as forma(s) textual (ais) historicamente mobilizada(s) e cristalizadas por esse gênero. As formas textuais, ou textualizações, se alteram com maior frequência do que os gêneros, ou as generificações, e as formas discursivas, ou discursivizações, ponto de ligação entre texto e gênero, imprimem ao texto as “regras do gênero” – com suas fronteiras imprecisas e suas sedimentações histórico-sociais. Em consequência, não se pode confundir texto com discurso nem os dois com gênero; o discurso e o gênero definem a textualização no plano mais amplo das estruturas arquitetônicas, no plano dos todos de sentido; o discurso é definido nos termos do gênero e a “tradução” discursiva do gênero é que institui a textualidade e instaura sentidos. Em outros termos, como costume dizer, no princípio era o gênero (demiúrgico?).

#### REFERÊNCIAS

BAJTIN, M. M. *Hacia una filosofía del acto ético. De los borradores y otros escritos*. Tradução e notas de Tatiana Bubnova. Barcelona/San Juan: Anthropos/EDUPR, 1997.

BAKHTIN, M. M. *Toward a philosophy of the act. (1920-1924)*. Tradução e notas de Vadim Liapunov. Austin: University of Texas Press, 1993.

\_\_\_\_\_. *Estética da criação verbal*. 2. ed. Trad. M. H. Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

\_\_\_\_\_. *Estética da criação verbal*. 4. ed. Nova edição com tradução a partir do russo. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

\_\_\_\_\_. *Questões de literatura e de estética (A teoria do romance)*. 3. ed. Trad. A. F. Bernadini et al. São Paulo: Unesp, 1993.

\_\_\_\_\_. *Art and answerability: Early philosophical essays by M. M. Bakhtin*. Edited by Michael Holquist and Vadim Liapunov. Austin: University of Texas Press, 1990.

\_\_\_\_\_. *The dialogic imagination: Four essays*. Organizado por Michael Holquist; traduzido por Caryl Emerson e Michael Holquist. Austin: University of Texas Press, 1981.

BAKHTIN, M. M.; MEDVEDEV, P. N. *The formal method in literary scholarship, a critical introduction to sociological poetics*. Trad. Albert J. Wehrle. Harvard: Harvard University Press, 1985.

BRAIT, B. (org.). *Bakhtin: Conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005.

BORYSENKO, Joan. *Na plenitude da alma: uma nova psicologia de otimismo espiritual*. Trad. Adail Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Cultrix, 1996.

BRO, Harmon H.; BRO, June Avis. *O crescimento através da crise pessoal*. Prefácio de Charles Thomas Cayce. Coleção Edgar Cayce. Trad. Adail Sobral. São Paulo: Pensamento, 1992.

COOPER, Diana. *A força da paz interior*. Trad. Adail Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Pensamento, 1997.

GREIMAS, A. J. *Du sens II – Essais Sémiotiques*. Paris: Éditions du Seuil, 1983.

\_\_\_\_\_. *De L'imperfection*. Paris : Pierre Fanlac, 1987.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Orgs.) *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002, p. 19-36.

\_\_\_\_\_. Os desafios da identificação do gênero textual nas atividades de ensino: Propósitos comunicativos *versus* forma estrutural. Palestra proferida no III SIGET, UFSM, Santa Maria, 2005.

MEURER, J. L. *Aspects of language in self-help counselling*. Florianópolis: Pós-Graduação em Inglês/UFSC. ARES (Advanced Research in English Series), 1998, v. 4.

SIMONDS, Wendy. *Women and self-help culture – Reading between the lines*. New Jersey: Rutgers University Press, 1992.

STARKER, Steven. *Oracle at the supermarket: The American preoccupation with self-help books*. Newbrunswick, New Jersey: Transactions, 1989.

SOBRAL, A. U. Elementos sobre a formação de gêneros discursivos: A fase “parasitária” de uma vertente do gênero de auto-ajuda. 2006. Tese (Douto-

rado em.Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem), LAEL/PUC-SP, São Paulo.

\_\_\_\_\_. Bazerman, gênero e Bakhtin. Mensagem enviada à CVL, 08 de março de 2005a. In: <http://groups.yahoo.com/group/CVL/message/7407>.

\_\_\_\_\_. Gêneros discursivos e apropriação do mundo: Uma proposta bakhtiniana. Palestra proferida no dia 7/11/2005b na III Jornada de Letras – Linguagem e Cultura em Diálogo, Universidade de Mogi das Cruzes (UMC).

\_\_\_\_\_. Gêneros textuais ou tipos de textualização? Comunicação apresentada ao III SIGET. UFSM, Santa Maria, 2005c.

\_\_\_\_\_. Um diálogo bakhtiniano com L. A. Marcuschi. Comunicação. IV SIGET. Anais. 2007. Disponível em: <http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/cd/Port/144.pdf>

\_\_\_\_\_. As relações entre texto, discurso e gênero: Uma análise ilustrativa. *Revista Intercâmbio*, v. XVII. São Paulo: LAEL/PUC-SP, 2008, p. 1-14.

VOLOSHINOV, V. N. *El signo ideológico y la filosofía del lenguaje*. Trad. Rosa María Rússovich. Buenos Aires: Nueva Visión, 1976. (Há edição brasileira, de título *Marxismo e Filosofia da Linguagem*.)

\_\_\_\_\_. *Freudism*. Trad. I. R. Titunik. New York: Academic Press, 1976a.

\_\_\_\_\_. *Freudismo*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Perspectiva, 2001.

\_\_\_\_\_. Les frontières entre poétique et linguistique. In: TODOROV, Tzvetan. *Le principe dialogique*. Suivi d'écrits du cercle de Bakhtine. Paris: Seuil, 1981, p. 243-285.

\_\_\_\_\_. Más allá de lo social. Ensayo sobre la teoría freudiana. In: SILVESTRI, Adriana; BLANCK, Guilherme. *Bajtín y Vigotski: La organización semiótica de la conciencia*. Barcelona: Anthropos, 1993. p. 173-216.

\_\_\_\_\_. La construcción de la enunciación. In: SILVESTRI, Adriana; BLANCK, Guilherme. *Bajtín y Vigotski: La organización semiótica de la conciencia*. Barcelona: Anthropos, 1993. p. 245-276.

\_\_\_\_\_. Qué es el lenguaje? In: SILVESTRI, Adriana; BLANCK, Guilherme. *Bajtín y Vigotski: La organización semiótica de la conciencia*. Barcelona: Anthropos, 1993. p. 217-243.

YOUNG-SOWERS, M. L. *Crise espiritual: O verdadeiro significado das perdas, das enfermidades e dos sofrimentos da vida*. Trad. Adail Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Cultrix, 1995.

Recebido em 01/05/2009

Aprovado em 03/09/2009